

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição ne varietur

AUTO DOS DANADOS



Antevéspera da festa
Nuno todo o dia

Manhã

Na segunda quarta-feira de setembro de mil novecentos e setenta e cinco comecei a trabalhar às nove e dez. Lembro-me não por ter uma memória por aí além ou escrever o que me acontece num diário (nunca me interessaram diários ou poemas ou patéticos dessas) mas porque foi o meu último dia de consultório antes de fugirmos para Espanha. Logo a seguir à revolução, em abril do ano anterior, civis barbudos e soldados de cabelo comprido e camuflado em tiras vigiavam as estradas, revistavam automóveis, ou desfilavam lá em baixo, em bando, nas pracetas, comandados por um desses microfones incompreensíveis de sorteio de cegos que o marxismo-leninismo-maoísmo reciclara. Semelhantes aos cães das praias, que trotam rente ao mar a perseguir um cheiro imaginário, juntavam-se nos montes do Alentejo para ladrar o socialismo aos camponeses sob um projector poeirento; percorriam o país em camionetas escavacadas a ameaçar os lojistas com as pupilas vesgas das metralhadoras; arrombavam as casas à coronhada brandindo mandatos de captura diante de narizes estupefactos. Quanto a nós, visitávamos aos domingos os tios que sobravam do naufrágio da família, presos no Forte de Caxias por sabotagem económica, a verem as marés do Tejo subirem e descerem na muralha entre grades de celas e sovacos de pára-quedistas. Só a avó, já doente do cancro, navegava ao acaso na poltrona de inválida, de radiozinho de pilhas encostado às farripas da orelha, contemplando a sorrir, sem entender, os democratas que de quando em quando reboavam aos encontros no corredor e vasculhavam o resto das pratas com o cano dos revólveres, repetindo os discursos estranhos dos altifalantes dos cegos.

Desde abril do ano anterior que a tropa e os comunistas se aproximavam das fachadas dos prédios, erguiam o membro como animais para urinar, e abandonavam nas paredes um mijo de vivas e morras que se contradiziam e anulavam, logo coberto por cartazes de comícios e greves, fotografias de generais, propaganda de conjuntos rock, cruzes suásticas, ordens de boicote ao governo e convites de retrete, dedos de letras entrelaçadas num namoro que o outono do tempo desbotava. Apesar dos jipes da polícia patrulhando as ruas, ciganos

carregados de tachos e cadeiras assaltavam os apartamentos vagos do centro. Nasciam infantários nos prédios em ruína, com crianças sentadas no soalho a engordarem de sanduíches de calíça. Stalines a carvão antipatizavam connosco nas esquinas. E o rio desmaiava em Caxias, sufocado pelas asas dos pássaros, com penedos de petroleiros imóveis sob a ponte.

Na segunda quarta-feira de setembro de mil novecentos e setenta e cinco, o despertador pescou-me às oito horas do meu sono, do mesmo modo que as gruas do cais trazem à superfície os automóveis peludos de limos que não sabem nadar. Subi nos lençóis pingando noite das mangas e dos pés, até o guindaste depositar na alcatifa, junto aos sapatos da véspera, o meu cadáver ferrugento de rame-las, amolgado de olheiras e reumático. Como os corpos na morgue, a Ana embrulhava-se na colcha na outra extremidade da cama, e o piaçaba dos cabelos emaranhados despontava da roupa. O pingo triste de cera de um calcanhar defunto tombava do colchão. Enquanto lavava os dentes, o espelho da casa de banho mostrou-me cruelmente os estragos, de capela abandonada, dos anos. Havia filas de frascos e bisnagas em prateleiras de vidro, o tubo de escape do secador e a claridade demasiado intensa que o vapor do chuveiro embaciava, atrás da cortina de plástico com peixinhos pintados. Como sempre, o sabonete escapou-se-me três ou quatro vezes da mão para se achatar nos azulejos ou patinar até ao lavatório num rastrozinho de espuma, e eu a deslizar-lhe, quase de gatas, no encalce, míope do champô, a pontapear as canelas no bidé, a girar os braços em busca do equilíbrio que me fugia, a suspender-me dos toalheiros cromados para evitar o ortopedista, até regressar, tiritando, com o meu besugo cor-de-rosa apertado na palma, de volta ao repuxo da água quente do chuveiro. A Ana fumava, de costas contra uma almofada, a olhar-me. As árvores da embaixada da Bolívia cresciam na janela ao nosso encontro. Os pardais penduravam-se de cabeça para baixo nos ramos. O dia e o odor das trevas confundiam-se nos cobertores. Abri a gaveta para escolher uma camisa, uma gravata, e lá estavam as meias e meias com os meus mil artelhos de centopeia dentro. A

Ana continuava a fumar e ao crepúsculo tipos de sombrero, pistola à cinta e bigode, circulavam pelas varandas iluminadas da Bolívia numa dignidade de Zapatas diplomáticos. Escondi-me nas peúgas, nas cuecas, e abotoava o colete quando a Ana me disse da fronha, a acender um segundo cigarro no primeiro, Com uma nódoa negra dessas na coxa, Nuno, tem-se pelo menos a decência de fazer com que ninguém a note. Continuei a vestir-me: há duas semanas que não sabia da Mafalda.

— Bati com a perna em qualquer sítio, informei eu preocupado com os atacadores. No guarda-lamas, numa cómoda, no raio. Dou dezenas de pancadas de que nem me lembro.

A Ana estendeu-se de lado no colchão, a sorrir, e apoiou a bochecha no braço: pelo menos desde o divórcio, há cinco anos, que não lhe suporto os sarcasmos.

— As manias esquisitas das tuas namoradas, disse ela num tonzinho ácido. Desculpa a opinião, é um problema de estética, mais nada.

— Bati em qualquer sítio, repeti eu a enganar-me na gravata: a Mafalda cortara comigo pela centésima vez, por eu não romper definitivamente com a Ana.

— Ficas tão nervoso, quando te falo nisso, que nem a porcaria do nó consegues fazer direito, disse a Ana numa espécie de relincho de triunfo, a alargar-se, líquida, nos lençóis.

Aranhiços de barcos corriam sobre o Tejo. Um bolero no rádio enxotou-me aos pulinhos dançados para a porta: agarrei-me ao armário para não ser levado numa enxurrada de bemóis.

— Nervoso o tanas, disse eu, são estas porcarias de seda que escorregam.

A criada aquecia o café na cozinha. O quarto dela, de mala sob a cama, era um cubículo na extremidade oposta do andar, junto ao arbusto de metal da escada de salvação, que no inverno gemia e zunia, no escuro, as folhas dos degraus. A Ana comprou-lhe uma arca para a roupa e uma mesa de cabeceira de esmalte branco, decerto pescada pela minha sogra, íntima de médicos e leilões, num saldo de hospital.

As dobradiças das solas novas acordavam ecos no prédio inteiro, do tecto às catacumbas de cimento da garagem, onde os automóveis pastavam as próprias sombras com os dentes das grelhas. A criada serviu-me o café e introduziu duas cartas de pão de forma na frincha de uma caixa de correio da torradeira.

— Não tenho fome, disse eu para me vingar da Ana. Bebo uma chávena na broa e vou-me embora.

Dos edredons dos miúdos vinha de tempos a tempos um rebuliço de tosse. O pediatra tratava a pingos e xaropes essas guinadas de diesel, e espanta-me que hoje, em lugar de um par de crianças pálidas e magrinhas, abraçadas a fraldas, mastigando os charutos das chupetas, me apareçam aos domingos, no vestíbulo escuro do prédio de Campolide onde moravam os meus pais e eu moro agora, adolescentes de capacete marciano, com uma esperança de bigode entre o nariz e a boca, enfurecendo as motorizadas para me exigir dinheiro, no clima tenso dos assaltos aos bancos.

— Ao menos uma colherinha de compota, senhor doutor, disse a criada a exhibir um boião. Trabalhar em jejum dá-lhe cabo do estômago.

Usava um terço perpétuo e cheirava não a noite como toda a casa mas já a hora do jantar e a cansaço sob a bata de sarja. Cheirava a depois da sobremesa, quando levantava os pratos, ligava a máquina, e desaparecia no seu cubículo, sem se lavar, a espalhar em redor um odor melancólico de cabra. Cheirava ao que cheira hoje em dia, quase dez anos depois, em que me trata por tu, se afoga em colares de pechisbeque, e se instala ao meu lado nos assentos forrados de pele de vitela do carro, segurando a mãos ambas o guiador de verniz da carteira. Mas no tempo de que falo, no tempo deste livro, afastei a compota, recusei a torrada, provei o café a que faltava açúcar. O relógio da cozinha marcava vinte e cinco para as nove. A criada ergueu o braço, para puxar a lata de bolachas de baunilha de uma prateleira alta, e os seus aromas aumentaram: Um biscoito para o caminho, senhor doutor. As árvores da embaixada da Bolívia despiam-se de sombras. Obrigado, disse eu enquanto os cotovelos se

retraíam como os leques se fecham, ofendidos, se tiver fome há uma pastelaria mesmo em frente ao consultório, não vale a pena maçar-se.

Atravessei o corredor e fui ao quarto despedir-me da Ana. Continuava a fumar, rígida na almofada, interessadíssima nas espirais da consola. De quando em quando os dedos subiam-lhe à altura da boca, uma pontinha vermelha avivava-se, o fumo deslocava-lhe a cara, e a mão pousava de novo numa prega de lençóis, sobre o ninho do cinzeiro de vidro. As crisálidas dos meus filhos remexiam-se no compartimento a seguir, encerrados nos casulos do beliche. Permaneci de pé um momento, de polegares nos bolsos, indeciso: desde que lhe telefonaram, não sei quem, a contar da Mafalda, que a Ana se desinteressou por completo de mim.

— Até logo, disse ela a olhar de lado para o espelho, que reflectia os estores atrás dos quais ondulava um Tejo de brinquedo, semeado de paquetes fingidos. Apetecia sacar da algibeira uma dúzia de gai-votas de papel, e polvilhar o cais para que a água do espelho principiasse a tremer. Encontrei a cara inquieta da criada no vestíbulo, entre os chifres africanos do bengaleiro. E senti os olmos da quinta, no verão, quando éramos pequenos, lá muito em cima, ao pé do muro.

— Se o senhor doutor quiser sobrou um bocado do pão-de-ló de ontem. O elevador transportou a minha negativa para o rés-do-chão. A porteira, que regava as plantas do vestíbulo, cheirava a noite também, e escutavam-se ralos e insectos das trevas trinando-lhe sob o avental. A terra dos vasos cheirava a noite igualmente, não à noite da infância mas a outra mais clara, mais porosa, húmida de fetos e de água. De minuto a minuto a porteira suspendia o regador e insultava os garotos que pedalavam de bicicleta ao comprido do prédio, nas arcadas.

— Olá, Dona Dulce, disse eu a descer as escadas para a rua, ainda a pensar no bolo, cusbindo pedaços de pão-de-ló com a língua.

— Mijaram-me nos gerânios, senhor doutor, respondeu ela lamentosamente a erguer a orelha de lebre de uma folha defunta. Se o meu marido não estivesse com a asma corria-os do bairro a tiro.

Ora chegue-se aqui e fareje-me só este amoníaco. Eu a criá-los com adubo e os camelos a urinarem-lhes em cima.

Os rapazes cruzaram-se connosco a assobiar de escárnio, a porteira precipitou-se para eles de regador em punho, e os olmos e o aroma da noite desapareceram. Automóveis iluminados pelo sol acumulavam-se num talude: o que é que a Ana fez à casa, como será aquela parte do Restelo agora? Tão feia e poeirenta como nessa época, menos, mais, habitada pelos mesmos engenheiros, os mesmos doutores, as mesmas economistas divorciadas, de casaco de peles? E o bairro de lata de ciganos e de negros sob o janelão do quarto? Tirei o carro de uma extensa fila de focinhos sonâmbulos de capots, e vim a tropeçar nas pedras, em tubos de canalização, em pranchas de madeira, maldizendo a azinhaga, até à avenida dos bombeiros, a caminho de Monsanto, após a esquadra da polícia numa espécie de largo, onde os plátanos se cobriam da areia cor de caqui dos construtores civis. Rolei ao longo dos taludes e dos arbustos do parque de campismo, ultrapassei um novo bairro de lata, com casinhas à beira da estrada, em que mulheres parecidas com a porteira despejavam alguidares no alcatrão, um campo de futebol, uma ponte, e depois o caminho habitual do consultório, não este de hoje, em Loures, com ovelhas a pastarem nos intervalos das gengivas dos doentes, mas o antigo, o majestoso, o da Braancamp, num edifício com vestíbulo de templo grego, entre um pub e um pronto-a-vestir. Os clientes desfolhavam malmequeres de revistas na sala de espera. A cadeira postava-se ao centro do gabinete como uma forca, e os instrumentos e as próteses acenavam-me arestas e caninos. A enfermeira, herdada, com o autoclismo avariado, do colega anterior, alinhava as fichas por ordem, tresandando a eficiência e a desinfetante.

— Bom dia, disse eu a guardar o casaco no armário, num cabide de arame, e a puxar do interior a bata das torturas. A enfermeira preparava ganchos e bolinhas de algodão, e ligava o vídeo onde uma raposa perseguia um pássaro numa paisagem de dunas. Lá fora, as granadas do calor de setembro destruíam a cidade fachada a fachada. O empregado da estação de serviço, reduzido a ossinhos calcina-

dos, agonizava sobre um motor desfeito. Os morteiros do sol arrancavam plantas e pedaços de relva do Parque. No restaurante do lago as mesas morriam, deitadas de bruços, no chão de pedra, pingando o sangue da tinta.

— Chamo o primeiro?, perguntou a enfermeira sempre a mudar de lugar compressas e frascinhos e tubinhos, enquanto eu calçava as luvas de borracha e experimentava as brocas como um piloto as suas hélices. Na parede encaixilhava-se a caricatura de uma médica idosa, de grande peito, a segurar triunfalmente um molar com uma chave inglesa. A raposa, de muletas, coberta de cruzes, de adesivo, empenhava-se na fabricação de um camaroeiro gigante escorado por uma parelha de rochedos, e destinado a pescar o pássaro que galopava no deserto. O verão rebentava os prédios como bolhas de acne.

— Comece, disse eu a espetar o umbigo numa atitude toureira. Os dois telefones desataram a tocar em simultâneo no recanto das fichas e do armário do casaco, e nisto uma mulher entrou, a tilintar pulseiras, comboiada pela enfermeira das compressas. O camaroeiro descreveu meia volta no ar, apanhou a raposa e arremessou-a contra um buxo de cactos. A enfermeira acalmava os aparelhos, que baliavam como borregos com fome.

— Dia dezassete às onze horas, disse ela, é o único buraco que tenho. Desliguei a televisão (uma lâmpada foi diminuindo e morreu no centro do écran) no momento em que o pássaro se aproximava a galope, estacava de súbito, articulava bip bip, desaparecia. Introduzi outra cassete, o vídeo encheu-se de grãos que se agitavam e, depois de uma faixa vermelha e outra branca, rodei o botão do som e escutei os trompetes do costume a acompanharem o genérico do filme. A enfermeira pousava o primeiro telefone e ocupava-se agora do segundo. Como está, senhor almirante, muito obrigado, diga, e era Leslie Caron quem me esperava a sorrir, de bicos dos pés afastados, junto à cadeira dos dentes. Se lhe caiu o pivot, explicava a enfermeira, o senhor doutor com certeza que o recebe logo à tarde às seis horas, vou tomar nota na agenda para não ficar esquecido. O sol prosseguia na praça a sua carnificina de cinzas. A minha bata subs-

tituiu-se por uma camisola de riscas, o consultório transformou-se no cenário de papel de uma rua de Paris, com candeeiros, árvores e pontes desenhadas a carvão, e a torre Eiffel e o Moulin Rouge e o Vaticano e todos os monumentos possíveis da Europa por aqui e por ali. Avancei para ela, afastei-me numa pirueta, tornei a avançar, e era Gene Kelly quem dançava, ao ritmo da orquestra, na alcatifa do consultório, pulando caixas de pensos, evitando as gargalhadas das próteses, rodopiando degraus de contraplacado para um Sena de celofane, iluminado por holofotes coloridos, no qual ancoravam barças de ripas, oscilavam quiosques e insígnias de cafés, e ao fundo, perto da janela, um corpo de baile de empregados de mesa, de bandeja e avental, e de prostitutas a girarem as carteiras de verniz, desenhava uma coreografia complicada entre Versailles e o Museu do Prado.

— Esta senhora é doente do doutor Acácio, disse a enfermeira a descer por seu turno para o Sena, nos gestos decididos da americana rica que durante o último quarto de hora de filme insistia em presentear-me com um atelier de pintor semelhante a um boudoir de cocote.

— O doutor Acácio avisou-me que o procurasse se houvesse alguma espiga entretanto, disse a mulher aclarada pela fixidez de olho sem pálpebra do foco. Não é você quem o substitui nas férias dele?

As piorreias conversavam como periquitos na gaiola da sala de espera, por cima das revistas de cabeleireiros que a funcionária do PBX lhes oferecia todos os meses, na esperança de que a paixão do corredor de automóveis italiano pela filha do armador grego as distraísse da dor. Um colega martelava sem descanso no gabinete à direita, pulverizando um nervo aberto. A enfermeira espiralou de molde em molde e pendurou a corrente de um guardanapo de pano do pescoço da mulher. O calor fez ruir o prédio em frente do nosso num fragor silencioso. Gene Kelly, no vídeo, dirigia-se acabrunhado, de mãos nos bolsos, para a sua mansarda de artista. Leslie Caron, de cabeça sob uma latada de brocas, puxou a saia para baixo a fim de cobrir os joelhos ou o que sobrava das coxas: Vou amanhã de manhã

para o Algarve com os pequenos, diga-me lá onde é que arranjo um dentista em Armação de Pêra?

E Gene Kelly desenhava mamarrachos hediondos, com o anúncio de Pigalle a entrar e a sair, à maneira dos corações expostos das rãs, pulsando pela janela aberta. Um amigo bêbedo e feio gabava-lhe a obra, de fato amarrotado e copo de uísque na mão. A enfermeira esterilizava ganchos no fervedor. A Leslie Caron cruzou as pernas, mirou-me, e os meus ossos floriram petalazinhas de cardo, e os pássaros do meu tronco ergueram voo da praia comprida da barriga. Ontem ao jantar cuspi uma coisinha dura no prato, disse ela, devia ser um bocado de chumbo do dente, Claro que não, não pense nisso, estou farta de saber o que é uma pedra do arroz. A música do vídeo entristeceu: Gene Kelly segurou no pincel, caiu na manta de retalhos que usava como colcha, deu uma cambalhota, pulou, e dobrou o pescoço para trás a fim de iniciar o seu número de canto:

— Abra a boca, pediu ele.

Passeou-se nas gengivas que o espelhinho de metal aumentava, verificou as obturações, tropeçou na ausência de um siso, raspou o esmalte e sentia o tornozelo da mulher encostado ao meu através da fazenda das calças, e mais pássaros que se me soltavam da barriga, e mais ossos que floriam, e mais fundas e secretas marés que se me agitavam no ventre, sobre um crepúsculo de infindáveis areias: Se eu demorar o exame, pensou ele, se eu limpar a pedra com a broca, tenho o pretexto de observar melhor para me chegar ao seu peito. E no entanto endireitei-me, apaguei o foco, pousei o espelhinho, e garanti Tudo óptimo, minha senhora, pode ir para o seu Algarve descansada. E a perna dela na minha perna até me dar conta de que o telefone retinha outra vez, até a enfermeira dizer Está?, escutar a bater um lápis na mesa, anunciar A menina Mafalda para o senhor doutor, e a coxa se afastar imediatamente de mim, Onde é que eu pago?

— A empregada passa-lhe o recibo lá fora, explicou a enfermeira, de costas, enquanto Gene Kelly dançava, sozinho no cais do Sena, o sapateado da sua desilusão.

— Nuno?, perguntou a aguda voz de pintassilgo da Mafalda,

Nuno? tens que fazer daqui a uma ou duas horas? preciso imenso de falar contigo, ando preocupadíssima, nem sonhas.

Pelo canto do olho viu a Leslie Caron cumprimentar a enfermeira e sumir-se, e a estátua do Marquês de Pombal dissolver-se na peanha como um sorriso podre. (Três contos e seiscentos, Olivia, berrava a enfermeira pelo intercomunicador, para uma badameca com pulseiras que vai encalhar por aí.) Sentia no tornozelo a ausência do tornozelo da mulher, do mesmo modo que as lajes de museu onde durante séculos permanece impressa a nervura esquisita de um insecto. Um braço do Marquês escorria devagar pelo passeio.

— Da última ocasião expulsaste-me da tua casa aos gritos, disse eu a lembrar-me do apartamentozito do Lumiar, dos hibiscos da tapeçaria do quarto, do vestíbulo com setas e um escudo de leopardo, e de mim empurrado pelos teus gritos, de compartimento em compartimento, na direcção da rua. Não quero um homem casado para nada, se não és capaz de te separar da Ana vai à fava.

— Nasceu-me um caroço no peito, Nuno, tenho médico marcado, e eu a traduzir Acabou-se-te a droga, e a vir-me à ideia que a cozinha dela cheirava sempre a fritos e àqueles queijos franceses com ervas que eu detesto. A roupa dava encontrões na janela de paquete da máquina de lavar. Tens meia hora para almoçar em sossego no intervalo dos dentes?

— Meia hora pode ser que consiga, disse eu a calcular com a vista a pilha de fichas sobre a mesa. Caíram-me em cima todas as cáries do mundo esta manhã. À uma em tua casa?

— É melhor na tasca do costume, disse o pintassilgo nos seus guinchozinhos minúsculos. Esqueceste a nossa última conversa, pelos vistos. Até largares a Ana, se largares a Ana algum dia, ficamos só amigos.

E nem amigos ficámos: que estupidez tudo aquilo, as discussões, os silêncios, os pequenos ódios roídos com fúria como ossos de borracha, as inúmeras pontas de cigarro e as nossas cabeças lado a lado no espaldar da cama, sérias, obstinadas, furibundas, irredutíveis, com a prega ao meio da testa formando a bissectriz do ângulo